



O Encontro Regional Sudeste, realizado nesta quinta-feira (27), deu continuidade à série de eventos promovidos por Abrapp, Sindapp, ICSS, UniAbrapp e Conecta, e reuniu mais de 500 participantes no centro de eventos digital da Abrapp. Os Encontros Regionais deste ano estão sendo realizados, pela primeira vez, em formato 100% online e ao vivo.

Ousadia e criatividade - Na abertura do evento, o Diretor-Presidente da Abrapp, Luís Ricardo Martins, fez uma retrospectiva das ameaças enfrentadas e as conquistas obtidas pelas entidades fechadas de previdência complementar nos últimos cinco anos. Ele destacou que, com ousadia e criatividade, o sistema conseguiu sair de um diagnóstico de estagnação e perda de interlocução com o governo brasileiro para um cenário de fomento com novas vertentes de crescimento, a exemplo do lançamento de planos famílias, por meio do Fundo Setorial Abrapp, e o retorno à pauta de prioridades do governo, com a atuação efetiva e estratégica do Conselho Nacional de Previdência Complementar.

Olhando para a frente, Luís Ricardo Martins ressaltou que o sistema tem novas janelas de oportunidade abertas pela Reforma da Previdência, como o crescimento da previdência complementar do servidor público e a conscientização de que cada vez mais a população terá que enviar esforços individuais para formar uma poupança previdenciária digna para o futuro. A crise gerada pela pandemia de COVID-19, por sua gravidade, também reforçou a necessidade das pessoas buscarem proteção social para si e seus familiares, vocação que está no DNA do sistema.

Contudo, o sistema também precisa de incentivos para expandir sua atuação, alcançando mais pessoas e contribuindo para a reativação da economia. “Nós precisamos de políticas públicas de incentivo para essa poupança de longo prazo. É fato que o setor privado será o grande protagonista para a retomada e continuidade de crescimento desse País”, afirmou Luís Ricardo Martins. Nesse sentido, ele acrescentou que a sociedade civil precisa levar seus pleitos, devidamente fundamentados, e ter iniciativa, como o tem feito o Grupo Abrapp. Ele destacou ainda que o diálogo tem se mantido com interlocutores e lideranças do governo brasileiro. “Estamos sim na agenda prioritária do governo”, enfatizou.

Agenda de fomento

O Diretor-Presidente da Abrapp elencou várias bandeiras defendidas pela Associação junto ao governo. Dentre elas, destacamos a inscrição automática nos planos previdenciários e a Lei de Proteção ao Pougador Previdenciário.

Inscrição automática - Segundo Luís Ricardo, a inscrição automática está em destaque na pauta de discussão com o governo. “Em 2017, apresentamos no CNPC uma proposta de resolução para implementar esse instituto que é um sucesso no mundo e no Brasil, instituindo a inscrição automática para todo o segmento. O Dr. Paulo Valle está com essa bandeira, com toda a sua equipe, com o apoio da Previc”, ressaltou.

“Estamos discutindo vários temas e agora é o momento de inserir a inscrição automática, que já vem inclusive apoiada numa emenda constitucional, no Senado Federal, na Reforma da Previdência”, destacou Luís Ricardo. Ele acrescentou que o otimismo com o tema é grande, e os números de expansão projetados com a inscrição automática por si comprovam sua importância para o segmento, deixando de lado teses jurídicas que não irão fomentar o sistema se forem criados obstáculos num ambiente de direito privado.

Proteção à poupança previdenciária - Por falar em incremento, e a necessidade crescente de o indivíduo poupar com seus próprios esforços, porque o Estado irá cada vez mais se retirar de seu papel de grande provedor, o Diretor-Presidente da Abrapp destacou a iniciativa da Associação com o anteprojeto de Lei de Proteção à Poupança Previdenciária. A minuta do projeto foi elaborada pelo renomado economista José Roberto Afonso, coordenador do estudo “Previdência complementar e poupança doméstica: Desafios gêmeos no Brasil”.

“Já estamos com esse assunto na pauta, conversando com inúmeras lideranças parlamentares”, ressaltou o Diretor-Presidente da Abrapp, citando interlocuções com o presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, o Deputado Christino Áureo e o Deputado Kim Kataguirí. “Enfim, estamos movimentando o Parlamento porque esse tema estará na agenda prioritária do nosso segmento”, completou Luís Ricardo Martins.

“Kit plano família” - O Diretor-Presidente da Abrapp citou ainda diversas outras iniciativas relevantes defendidas pela Abrapp, como os ajustes na Resolução CMN 4.661, as propostas de incentivo tributário para o segmento, a harmonização de regras entre entidades abertas e fechadas, a previdência complementar dos servidores públicos e a expansão dos planos família, cujas projeções apontam cobertura de meio milhão de pessoas, nos próximos dois anos, por meio desses planos voltados aos parentes de participantes (até terceiro grau).

Luís Ricardo ressaltou ainda o desenvolvimento de soluções coletivas por meio do HUPP, hub de tecnologia que conta com a participação das associadas, e a ampliação de canais de comunicação e venda de planos, com destaque para a Central de Serviços Compartilhados que está sendo desenvolvida pela Conecta. “É uma plataforma que vai conectar e facilitar a vida das entidades. Nós vamos fazer um kit padrão para instituição e criação do plano família. Nossa Central de Serviços está vindo aí, nos próximos meses, já para o Congresso Brasileiro de Previdência Privada”, anunciou.

Diretores Regionais - Os Diretores da Abrapp responsáveis pela Regional Sudeste marcaram presença na abertura, ressaltando a importância dos Encontros Regionais para o quadro associativo. “As entidades têm a oportunidade de interagir com seus representantes junto a Abrapp, Sindapp, ICSS, UniAbrapp e Conecta e vice-versa, em uma troca de informações extremamente útil, na qual podemos mostrar um pouco do que fazemos e conhecer as demandas das entidades. Além de outros temas ligados às políticas de gestão, regulação, igualmente importantes para a solvência do sistema como um todo”, ressaltou Carlos Alberto Pereira. Ele destacou também a importância da governança e do controle de riscos para as EFPCs, assumindo papel ainda mais relevantes nesse momento de reinvenção do sistema. “São aspectos importantes para manter a confiança e alcançar os resultados desejados. Temos que evidenciar essas práticas, provando que elas existem, são eficientes e eficazes”.

O Diretor Sérgio Wilson Fontes acrescentou que os Encontros Regionais também são momentos de interação que dão subsídios para o desenvolvimento de soluções coletivas. “Quantas oportunidades nós tivemos para solução de problemas compartilhados, trazer o problema de um e outro e discutir. Há muitas pessoas que dependem do sistema, são mais de 2 milhões de aposentados. Temos uma responsabilidade muito grande, como falou o Carlos Alberto, e não temos grande concorrência entre nós. Então, essa troca de informações é fundamental”, complementou.

Cenário econômico e desafios da alocação

Volatilidade não foi embora - Marcelo Leoni, Diretor Comercial da Capitalys, gestora independente dedicada a investimentos alternativos em private debt, ressaltou em mensagem institucional a parceria com a Associação. “Os Diretores da Abrapp, desde o início da nossa parceria, tomaram seu tempo para entender nossa estratégia e seus méritos. Mais ainda, nos apoiaram na organização de eventos educacionais para as cerca de 300 entidades filiadas”. Leoni alertou que apesar da atual crise gerada pela pandemia de COVID-19 estar chegando mais perto de seu final, a companhia acredita que a volatilidade não vai embora. “Pelo contrário: os ajustes econômicos resultantes desse momento serão causa de outros momentos de volatilidade, que ainda não estamos enxergando”, ressaltou, ao reforçar a importância da estratégia de diversificação de investimentos.

Crises geram oportunidades - A mensagem sobre as oportunidades de diversificação de investimentos no atual momento continuou forte no primeiro painel do Encontro Regional Sudeste, dedicado à discussão sobre “Cenário Econômico e Desafios na Alocação”. Os painelistas convidados abordaram o cenário pós-pandemia; diversificação e modelo de gestão de fundos imobiliários; investimentos no exterior; e tecnologia para trazer consistência ao portfólio. A mediação ficou a cargo do Vice-Presidente da Abrapp e Presidente da UniAbrapp, Luiz Paulo Brasizsa.

Brasizsa ressaltou que o atual cenário para investimentos tem preocupado, mas é preciso lembrar que eventos de crise são normais no mundo. “Se consideramos os últimos 150 anos, foram diversas crises. Todos nós passamos por elas e voltamos com conhecimento adicional: buscamos novos segmentos de mercado”. Ele acrescentou que o setor de previdência tem hoje forte preocupação com a queda da taxa de juros, mas se por um lado há o desafio dos juros baixos, por outro há grande oportunidade com novas classes de ativos que chegam ao Brasil e investimentos em setores como infraestrutura e saneamento básico. “Chegou a hora realmente desses R\$ 1 trilhão de reais administrados pelos fundos de pensão serem fonte de recursos para o crescimento do País”.

Horizonte para o fim da crise de saúde pública - Em sua participação, Marcelo Gaspari Cirne de Toledo, Economista-Chefe e Superintendente Executivo de Gestão de Renda Fixa e Crédito da Bradesco Asset Management, ressaltou que ainda há muitas incertezas no atual cenário, mas existe um horizonte para o fim da crise de saúde pública gerada pela COVID-19. Dentre os pontos de referência que ajudam a visualizar esse cronograma está o fato de que duas vacinas contra o coronavírus, dos laboratórios de Oxford e Sinovac, estão em testes no Brasil, já com acordos para importação e distribuição firmados. Considerando sua autorização pela ANVISA até o final do ano e o início da vacinação de 15 milhões de pessoas em 2021, as atuais métricas projetam que o fim da crise de saúde poderá acontecer na metade do próximo ano.

Com relação aos efeitos econômicos da crise, Marcelo alertou para o agravamento da fragilidade fiscal, que deve ainda colocar prêmios de risco no Brasil, em função da ação rápida e importante do governo por meio de iniciativas como o Auxílio Emergencial e o Programa de Proteção de Empregos, que demandaram recursos da ordem de R\$ 400 bilhões, cerca de 5,5% do PIB brasileiro, contribuindo para a recuperação dos setores. Outra grande questão é a dinâmica do desemprego com o fim do auxílio emergencial. Dados do IBGE apontam o crescimento de 12 milhões de pessoas desocupadas em relação aos patamares pré-crise. “É preciso que haja uma recuperação importante da ocupação até o final do ano para que a remoção dos estímulos não provoque, no início de 2021, uma nova queda do PIB”.

Com relação aos indicadores, ele antecipou que a previsão é de retração de 5% do PIB para 2020 e

crescimento de 4% para 2021, recuperando parte das perdas da crise. Contudo, o emprego não deve retomar tão cedo, e as estimativas apontam para uma taxa de 20% de desemprego, ficando 11,5% no próximo ano, em patamar superior ao cenário pré-crise. A projeção do banco é que haverá aumento da inflação a partir de 2021, aproximando-se de 3,5%, em função de reajustes represados neste ano. A taxa de juros, apesar da expectativa de manutenção do atual nível, poderá assistir à sua primeira alta no próximo ano. O comportamento do câmbio ainda é fonte de incertezas, mas a projeção é que se mantenha ainda em patamar depreciado.

Resiliência dos fundos imobiliários – Bárbara Lombardi, Gestora de Fundo de Fundos da Rio Bravo Investimentos, enfocou sua análise sobre o grande potencial dos fundos imobiliários como opção para diversificação das carteiras das EFPCs. Com relação à precificação dessa classe de ativos, ela notou que o IFIX – considerado o Ibovespa dos fundos imobiliários – tem duration de aproximadamente cinco anos, muito indexado ao vencimento das NTNBS, e apresentou comportamento consistente ao longo dos anos.

Bárbara destacou que historicamente a volatilidade dessa classe de ativos tem representado ¼ da registrada pelo Ibovespa. “É uma classe pouco volátil, portanto, e mesmo agora, em momentos de bastante stress, continua mantendo essa relação”. Assim, é uma classe que performa de maneira bastante indexada às NTNBS e com muito menos volatilidade em relação às ações, mesmo em períodos de turbulência do mercado.

A Gestora destacou ainda que essa classe cresceu muito nos últimos anos, mas ainda tem espaço para se expandir. Desde 2018, os fundos imobiliários cresceram cerca de 500% em número de investidores. Hoje a classe tem perto de R\$ 105 bilhões em patrimônio líquido. São 270 fundos listados em Bolsa e mais de 500 registrados na CVM. “É bem importante falarmos que o fundo imobiliário é um veículo de alocação em imóveis. E a maior parte dos imóveis do Brasil não estão ainda em fundos imobiliários, diferente de países mais desenvolvidos, como Estados Unidos, nos quais eles têm alguns trilhões de dólares sob gestão. Então, estamos vendo um começo dessa indústria, apesar de ter se desenvolvido de forma importante nos últimos anos”.

Investimentos no exterior – Ainda sobre o conceito de diversificação, Renato Santaniello, Head de Investment Solutions da Santander Asset Management, ressaltou que a demanda por investimentos fora do Brasil tem crescido nos últimos anos, ainda que de forma tímida.

“Diversificação não é só uma questão de aumentar o número de ativos no portfólio, mas buscar ativos que têm fonte de risco e performance distintas do que temos no Brasil. Então, apesar do crescimento da diversificação no número de ativos ao longo do tempo, ainda existe uma grande concentração no mercado local. Acabamos sofrendo risco muito mais ligado ao Brasil e correndo menos risco de ativos que estão no exterior e que oferecem uma qualidade de risco e retorno diferente dos locais”, destacou o especialista.

Para dar dimensão do potencial dos investimentos no exterior e a necessidade dessa diversificação, ele ressaltou que o Brasil representa apenas 3% do PIB mundial. Com isso, ao alocar somente no País, o investidor deixa de fora de sua carteira empresas e ramos de negócios que representam 97% do PIB global. Ele acrescentou que o Brasil responde por apenas 2% da renda fixa mundial e cerca de 1% da renda variável.

No tocante à renda variável, ao traçar comparativos entre o índice internacional MSCI World e o brasileiro Ibovespa, Santaniello mostrou que esses dois indicadores apresentam uma baixa correlação ao longo do tempo, em diferentes momentos de crise no mercado doméstico, incluindo a recuperação frente à crise da pandemia de COVID-19. A própria composição mostra oportunidades que estão pouco representadas no Ibovespa. Enquanto o índice brasileiro possui alta concentração em bancos (28%), o MSCI apresenta fatia relevante de tecnologia (21%) – setor que responde por menos de 1% do índice brasileiro, e é um dos que mais crescem no mundo. “Isso mostra a importância de você olhar para aumentar o risco do portfólio, dado o cenário de juros baixos, com essa visão de alocar parte onshore e parte offshore. Para ter essa maior representatividade do que é o PIB global e explorar oportunidades disponíveis em vários setores no mundo”.

Tecnologia nos investimentos – Isaías Rodrigues Lopes, Sócio fundador e CIO da Pandhora Investimentos, destacou como o uso da tecnologia pode ser complementar na alocação do portfólio. A gestora utiliza a estratégia de Quantamento, que alia o uso da tecnologia com a análise de fundamentos. “É uma abordagem também conhecida como man-machine – homem-máquina, importante para que não se ficar preso ao passado de uma performance, mas também entender quais são os fundamentos que garantem sua perenidade dali para a frente”.

Lopes ressaltou que 7 das 15 maiores assets no mundo já utilizam a estratégia quantitativa ou sistemática. “Ou seja, na tomada de decisão, seja de gestão ou de risco, há o uso de muita tecnologia. Cabe salientar que boa parte do passivo desses fundos é composta por endowments e fundos de pensão. E a ideia por trás disso é que, com uma abordagem de tecnologia e diversificação, a performance torna-se muito mais sustentável no longo prazo”.

Isaías destacou que se ainda existe algum “almoço grátis” no mundo financeiro, ele está na diversificação e decorrelação das estratégias dos investimentos para a mitigação de riscos. Para reforçar esse ponto, ele apresentou simulação mostrando que quando se escolhe vários fundos diferentes, com a expectativa de risco e retorno idênticas, mas com estratégias de investimentos correlatas, o resultado é que na prática o investidor está alocando na mesma coisa. Contudo, mantidos os mesmos patamares de risco e retorno, alocando em fundos com estratégias com correlação igual a zero, é possível obter na prática uma performance com risco 80% menor. “Basicamente, é isso que está por trás desse racional. Já que é necessário tomar risco, podemos fazer isso com apostas decorrelatas. E quando você tira os vieses humanos para fazer essas alocações, e tem o approach científico e de tecnologia, você mitiga praticamente as chances de tomar decisões erradas no longo prazo”, completou.

Ao longo do dia, foram realizados os demais painéis do Encontro Regional Sudeste. Confira [aqui](#) a matéria com os painéis "Sistema Focado em Inovação e Economia Compartilhada" e "Muito Além de Tendência: Gestão de Investimentos com Foco em ESG, Integridade e Ética", que abordaram inovação, ética, integridade e critérios ambientais sociais e de governança (ESG) como temas essenciais para sustentabilidade do sistema de previdência complementar.

O último painel do dia tratou da “Sustentabilidade de planos frente à crise e o futuro da Previdência Complementar” e teve apresentações e debates com as autoridades da Previc e do Ministério da Economia, [leia aqui a matéria](#).

Os Encontros Regionais contam com o patrocínio de: Giant Steps Capital, Bradesco Asset Management, Pandhora, Rio Bravo, Santander Asset Management e Captalys. O evento tem o apoio da Mapfre Investimentos e da Franklin Templeton.

Fonte: Abrapp em Foco, em 27.08.2020